ANAIS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO
Fundados por F. GOMES TEIXEIRA
Direcção de R. SARMENTO DE BEIRES
Extracto do tomo XLVIII

A colónia da pega azul na Barca d'Alva
(Alto Douro)

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. de Zoologia e Antropologia da Universidade do Porto,
Chairman of the Portuguese National Section of the International
Council for Bird Preservation

PORTO
Imprensa Portuguesa
108, Rua Formosa, 116
1965

3)
98.28/.29(469.31)(0
AN

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
12262
Barcelone Perm.

A COLÓNIA DA PEGA AZUL, *CYANOPICA CYANA COOKI* Bonap., NA BARCA D'ALVA (ALTO DOURO)

Por

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. de Zoologia e Antropologia da Universidade do Porto, Chairman of the Portuguese National Section of the International Council for Bird Preservation

Em 14 de Junho de 1958, numa ida a Espanha, vi algumas pegas azuis em frente à estação do caminho de ferro da Barca d'Alva (1). Esvoaçavam nos grandes eucaliptos fronteiros à estação, desciam até umas amoreiras, onde, confiadamente, a uns escassos 20 metros da plataforma da estação, iam debicando nas amoras já maduras. Uma das pegas veio mesmo pousar num dos carris da linha de desvio, a uma escassa dúzia de metros de distância.

Um rápido inquérito, enquanto não abalou o comboio espanhol, permitiu-me averiguar que aquela ave, que designavam com o nome de *rabão* e, também, algumas vezes, *rabilongo*, ali apareceu depois da grande guerra de 1914 a 1918.

Formulei o propósito de, no Verão de 1958, voltar à Barca d'Alva para colher mais elementos sobre aquela ave, que nunca tinha visto no norte do nosso país, e que sabia própria da metade

---

(1) Barca d'Alva é um lugar importante da freguesia de Escalhão e concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.

Fica situada na margem esquerda do rio Douro perto da confluência do rio Águeda. Naquela região a linha da fronteira com a Espanha segue ao longo dos dois citados rios. A povoação deu o nome à estação terminus da linha do caminho de ferro do Douro.

sul de Portugal. Tal propósito não pôde concretizar-se: só em Maio de 1959 pude realizar o meu intento (1).

Nos dias 3 e 4 de Maio de 1959 fizemos observações quanto ao comportamento da ave e, especialmente, sobre os ninhos.

Havia ninhos nos eucaliptos fronteiros à estação mas foi difícil contá-los com precisão. Contámos 9 ninhos, mas devia haver mais, tapados pela folhagem dos eucaliptos.

Um destes 9 ninhos via-se bem por estar a descoberto. Assentava num ramo dum eucalipto no ponto onde se implantavam dois outros ramos, formando uma forquilha em tripeça, que oferecia boas condições de segurança à construção do ninho. Estava a fazer.

Com o binóculo vimos a pega azul chegar com gravetos no bico que ajeitava no ninho.

Vi outro ninho, bem a descoberto, numa pequena amoreira, ao lado da linha de desvio. Ninho baixo, quase se lhe chegava com a mão. Quando voltei à Barca d'Alva em 25 de Maio este ninho tinha sido tirado pelos rapazes, o que não é de admirar, dada a sua acessibilidade e a má conta que ali têm da pega azul.

Informaram-nos que na mata de freixos da Carriça, que se via do lado de lá do rio Douro, na margem direita e um pouco a montante, havia ninhos de *rabão,* mais fáceis de observar por a folhagem do freixo ser menos espessa do que a dos eucaliptos.

No dia 4 de Maio trabalhámos na Carriça. Ali vimos 11 ninhos de *rabões.* Mas devia haver mais, pois calculámos de 50 a 60 o número de pegas azuis que voaram diante de nós.

Tiramos dois ninhos para a colecção do Museu de Zoologia «Dr. Augusto Nobre».

Um desses ninhos trouxemo-lo com o ramo de freixo onde tinha sido implantado e incorporámo-lo nas colecções do Museu, que eu então dirigia.

---

(1) Ali estive em 3 e 4 de Maio de 1959. Levei como auxiliares o, então guarda do Museu de Zoologia «Dr. Augusto Nobre» e hábil taxidermista, Sr. Marques dos Santos, e o guarda da Reserva Ornitológica de Mindelo, Sr. António de Jesus Pereira.

O Sr. Manuel Pinto Pimenta, actual preparador do Museu de Zoologia e hábil taxidermista, fez com aquele ninho o grupo que as figs. 3 e 4 reproduzem.

O outro ninho (fig. 5), tirámo-lo dos galhos do freixo onde estava sòlidamente implantado.

Este tinha 6 ovos, o outro 7.

Voltei à Barca d'Alva em 24 de Maio de 1959 e dali trouxe 8 exemplares de *rabões* adultos, 3 dos quais figuram no grupo do ninho que em 4 de Maio tirámos num freixo da Carriça e vai reproduzido nas citadas figs. 1 e 2.

Um exemplar juvenil, ainda não voadoiro, foi-me trazido por rapazes que o tinham tirado dum ninho que destruíram.

A sanha que votam à bela pega azul é geral.

Várias pessoas que inquiri foram unânimes em afirmar que o *rabão* ali apareceu à roda de 1918 e todas, umas duma maneira, outras de outra, referiam-se-lhe com manifesto rancor (1).

Essas opiniões, que procurei — tanto quanto possível — dar tal como as ouvi, exprimem bem o rancor que em Freixo de Espada-à-Cinta e na Barca d'Alva votam à bela pega azul.

Destroem-lhe sistemàticamente os ninhos.

Isto pode explicar o facto de, há anos a esta parte, o número de pegas azuis ter diminuído muito.

---

(1) Era tão geral o conceito popular de que o *rabão* é ave grandemente daninha que, para bem expressar esse conceito, dou a seguir opiniões emitidas sobre a bela pega azul, opiniões que, é de crer, pequem por exagero.

— O aparecimento dos *rabões* foi um desastre, comem tudo: os pêssegos ainda estão verdes ou mal maduros, e já eles lhe começam a picar. Onde estão dão logo sinal, estão sempre a gralhar uns com os outros.

— O *rabilongo* é uma ave terrível, come os *amendrucos* como um danado. Vai-se às amendoeiras, deita abaixo as amêndoas ainda verdes, os *amendrucos*, para lhe comer o grão tenrinho, ainda em leite.

— Os *rabões* dão cabo de muita fruta. São muito gulosos por nêsperas e figos. Destes escolhem os mais doces, especialmente os figos moscatéis. Uma nespereira quando começa a amadurar, se a gente se descuida, dèntro de pouco não há nada. Foi até numas nespereiras da Quinta do Sr. Sebastião Guerra, no

Informes concordantes levam a admitir que o máximo demográfico teria sido atingido entre 1930 e 1940.

A cada passo os meus informadores diziam:

— Dantes havia muitos mais *rabões* do que há hoje.

— Noutros tempos, sim, havia bandos muito grandes.

— Há uns 20 ou 30 anos atrás havia muitos. Hoje há muito menos. Desamoraram.

Um deles informou, concretamente, que à roda de 1934 e 1935 se viam muitos *rabões* mesmo em volta da vila de Freixo. Mais disse que no Verão iam beber a um tanque duma sua propriedade e, por qualquer circunstância acidental, alguns morriam afogados. Afirmou que chegou a tirar aos 3 e aos 4 por dia, mortos a boiarem na água do tanque.

Em 29 e 30 de Dezembro de 1965 estive de novo em Freixo de Espada-à-Cinta e na Barca d'Alva para ver as pegas azuis e colher o maior número de elementos referentes à vida destas belas aves.

Verifiquei que, dum modo geral, se mantém o rancor contra a pega azul. Não se dão conta da grande quantidade de insectos que esta ave come.

Se este rancor persistir, é de crer que a colónia continue a ser reduzida e, quem sabe se mesmo totalmente extinta.

---

lugar do Saltinho, sítio até onde dantes chegavam os barcos rabelos, que pela primeira vez se viram na nossa terra os amaldiçoados *rabões*.

— O *rabão* tem um bico terrível: comem amoras das amoreiras, azeitona, nêsperas, cerejas,... toda a fruta, Às laranjas fazem-lhe um buraco por onde comem os gomos; só lhe deixam a casca. A amêndoa molar, mesmo depois de seca, não resiste às bicadas do *rabão* que, fàcilmente, a quebra para lhe comer o grão. Ave amaldiçoada; e, depois, nem vale a pena um tiro; não presta para comer, são só ossos.

Mais uma opinião, na qual se alude à alimentação carnívora que é frequente nos Corvídeos.

— O *rabão* é uma ave daninha: devora a fruta e muito especialmente a azeitona. Também comem os filhos de muitos pássaros. Vão aos ninhos das andorinhas e papam-lhes os filhos. Tenho visto as andorinhas em luta com os rabões voando à volta deles, chilreando aflitas para os escorraçar de ao pé dos ninhos. Já vi uma vez os rabões a comerem num burro morto.

NIDIFICAÇÃO E POSTURA

Foram múltiplos os informes respeitantes a estes dois aspectos da vida da pega azul, tanto mais que, dado o mau conceito que na região têm acerca desta ave, algumas pessoas se encarregam da destruição sistemática dos ninhos, dos ovos e respectivas ninhadas. Muitos proprietários encarregavam de tal serviço os seus criados ou jornaleiros.

Em alguns sobreirais, e especialmente no sobreiral do ribeiro do Zão, costumam fazer muitos ninhos.

Também fazem ninhos nos eucaliptos, e nos freixos como já dissemos, e nas amendoeiras e oliveiras, que são árvores de folhagem aberta, nas quais os ninhos ficam portanto a descoberto.

Um dos meus informadores concretizou o seu parecer, nestes termos: Fazem o ninho onde quer. Em qualquer árvore e à vista de toda a gente. Fazem ninhos nos eucaliptos, nas amendoeiras, nos freixos, nos choupos, onde calha.

Quanto ao número de ovos de cada postura as informações foram concordantes. Tal número será em média de 6 ovos por ninho.

Algumas pessoas, e não poucas, afirmaram serem frequentes ninhos com 7, 8, 9 e mais ovos. Parece não serem extremamente raros ninhos com 10 e 11 ovos.

Um dos meus solícitos informadores disse-me que em garoto encontrou vários ninhos de *rabão* com 10 e 11 ovos. Em face de tão insólito número de ovos num só ninho, era opinião corrente, entre os rapazes, que se juntavam duas fêmeas a pôr no mesmo ninho.

A COLÓNIA DA PEGA AZUL DE BARCA D'ALVA E A SUA ÁREA DE DISPERSÃO

A colónia da pega azul de que nos vimos ocupando chamaremos da Barca d'Alva, por ser ali que, pela primeira vez, vimos os *rabões*, e por serem concordantes os informes que atribuem às

cercanias da Barca d'Alva o núcleo de maior densidade populacional desta bela ave.

Nos eucaliptos e noutras árvores ao lado da linha do caminho de ferro na estação de Barca d'Alva nidificava em relativa abundância no ano de 1959.

O sítio da Carriça, freixeda da margem direita do rio Douro, a que também já nos referimos, é outro local de nidificação habitual e pertence ao concelho de Freixo de Espada-à-Cinta.

A Quinta d'Alva, que fica a uns 2 km da Barca d'Alva, à esquerda da estrada que leva a Freixo de Espada-à-Cinta, é não só um sítio onde são frequentes os ninhos em amendoeiras e outras árvores, como era também nos eucaliptos desta quinta um dos seus dormidoiros no Inverno de 1965-1966.

Informaram-me que nos eucaliptos da estação de Almendra, da linha do caminho de ferro do Douro, a 7 km de Barca d'Alva, vive também uma pequena colónia.

Outra informação, que também não pude comprovar, dá os *rabões* como existentes no lugar dos Pisões, já termo da freguesia de Mós, do concelho de Moncorvo, confinando com a extrema de Freixo de Espada-à-Cinta.

Na Quinta do Santiago, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, propriedade do amigo Sr. Contra-Almirante Sarmento Rodrigues, onde estive em 29 de Dezembro de 1965, disse-me o respectivo feitor que há 20 anos atrás se viam por ali muitos *rabões*, mas «desamoraram».

Disse-me ainda que há 2 anos um casal de *rabões* fez ninho num choupo da quinta. Os jornaleiros foram ao ninho e dele tiraram 7 ou 8 filhotes. Os *rabões* desamoraram e não mais voltaram.

Em face dos elementos colhidos verifica-se que a distribuição do *rabão* ou *rabilongo* é descontínua e se estende pela «terra quente» (1) dos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo, Moncorvo e Freixo de Espada-à-Cinta e especialmente deste último.

---

(1) Como é bem sabido em Trás-os-Montes é correntia a separação, em muitos concelhos, da *terra fria* e da *terra quente*. Aquela nos altos, nas plainas ou chãs, esta no fundo dos vales, de ladeiras quase sempre bastante empinadas.

RECOLHA E PERNOITA

Nos dias 29 e 30 de Dezembro de 1965 fui a Freixo de Espada-à-Cinta e à Barca d'Alva para procurar observar as pegas azuis e colher informações a respeito das mesmas.

Em todo o dia 29 não vi uma única pega azul ao longo da margem direita do rio Douro entre a Barragem de Saucelhe e a Barca d'Alva. Vi-as ao fim da tarde na Quinta d'Alva.

Quando ali cheguei eram 17 horas e meia.

As pegas já tinham chegado e esvoaçavam de eucalipto para eucalipto. Era difícil contá-las com precisão, em virtude de andarem de eucalipto para eucalipto numa contradança de voos suavemente planados. Contei 56.

O feitor da Quinta d'Alva, que, para me oferecer, matara três dum tiro, computava-as à roda da centena.

Voltei à Quinta d'Alva às 16 horas e meia do dia seguinte, 30 de Dezembro.

Às 16 e 45 minutos começaram a recolher alguns tordos que voavam direitos à fragada do alinhamento do Penedo Durão, onde certamente iam pernoitar.

Às 16 horas e 55 minutos vi chegar, do lado da fragada, as primeiras três pegas azuis, que pousaram num dos eucaliptos. Logo a seguir vieram duas; depois quatro; depois uma bandada de nove; logo a seguir três; depois mais cinco, seguidas dum bando de trinta; atrás deste bando vieram cinco, e passado um pouco mais seis. Eram 17 horas.

Contei ao todo 67, todas vindas do poente, do lado da fragada e entradas em 5 minutos.

Repetiu-se a contradança que observara na véspera. Umas para cá e outras para lá iam esvoaçando de eucalipto para eucalipto.

O feitor da Quinta d'Alva disse-me que todas as tardes se viam ali chegar muitos *rabões* para dormir nos eucaliptos. Manhãzinha cedo, abalam para voltarem ao fim da tarde.

Mais me disse que em Abril e Maio são muitos os ninhos que os *rabões* fazem nas amendoeiras e outras árvores, um pouco por toda a quinta.

Espero lá tornar na quadra da nidificação.

BIOMETRIA

Em 22 exemplares tirámos as medidas que vão indicadas no quadro da pág. 273, expressas em milímetros e o peso em gramas.

Nesta série há 14 machos e 8 fêmeas.

A série é pequena e não se presta a grandes considerações de ordem estatística; no entanto, e com as reservas inerentes à pequenez da série, daremos a par das médias gerais as médias por sexos.

	Média geral	♂	♀
Comprimento total	331,0	334,8	324,3
» da asa	131,8	140,0	129,8
» da cauda	189,1	192,3	183,6
» do tarso	35,2	35,5	34,6
» do bico	20,4	20,6	20,1
Altura do bico	8,9	9,2	8,5
Comprimento do dedo médio com a unha	25,8	26,1	25,3
» da unha do dedo médio	7,8	7,8	7,6
» do polegar com a unha	19,3	19,5	18,9
» da unha do dedo polegar	9,7	9,7	9,6
Peso	71,2	73,0	69,0

Verifica-se que, dum modo geral, as fêmeas são mais pequenas do que os machos, o que, aliás, é corrente nas aves.

As diferenças de tamanho entre os machos e as fêmeas notam-se, sobretudo, no comprimento total, e nos comprimentos da asa e da cauda.

N.º de ordem	Sexo	Comprimento total	Comprimento da asa	Comprimento da cauda	Comprimento do tarso	Bico		Dedo médio		Polegar		Peso
						Comprimento	Altura	Comprimento dedo médio com unha	Comprimento unha dedo médio	Comprimento dedo polegar com unha	Comprimento unha dedo polegar	
1	♂	343	126	193	35	21	8,5	25	8	20	10	—
2	♂	334	135	195	35	19	8,5	24	7	19	9,5	—
3	♂	331	133	192	35	21	8,5	25	7	19	9	—
4	♂	358	133	200	34	21	9	26	8	19	10	—
5	♂	343	136	196	33	21	8,5	25	7	20	9,5	—
6	♂	325	132	184	34	19	9	24	8	18	9,5	—
7	♀	316	129	83	32	—	—	23	7	18	9	—
8	♀	344	133	194	34	22	8	23	7	19	9	—
9	♂ (?)	335	135	200	39	21	9,5	24	7,5	20	9	—
10	♀ (?)	327	130	180	35	19	8,5	53	6,5	18	9	—
11	♂ (?)	335	132	178	39	19	9	—	—	—	—	—
12	♂	328	134	197	37	22	9	25	9	21	11	—
13	♀	289	122	152	35	20	8	25	8	19	10	68
14	♂	318	132	180	35	21	9	28	8	20	10,5	75
15	♂	330	129	189	35	21	9,5	27	7,5	20	9	75
16	♂	333	135	198	34	21	9	21	8	19	11	70
17	♂	335	132	194	35	21	10	29	8,5	20	10,5	70
18	♂	340	137	196	37	21	9,5	30	8,5	19	10,5	75
19	♀	328	132	187	36	21	9,5	29	8,5	19,5	11	70
20	♀	325	131	189	34	20	9	28,5	8	20	10	65
21	♀	324	128	184	36	20	8	26	8	18,5	9	73
22	♀	345	133	200	35	18	9	25	8	19	10	—
Média . . .		331,4	131,8	189,1	32,2	20,4	9,0	25,8	7,8	19,3	9,8	71,2
Erro da média .		± 2,80	± 0,72	± 2,35	± 0,36	± 0,25	± 0,11	± 0,51	± 0,14	± 0,17	± 0,16	± 1,12
Desvio padrão .		13,5	3,37	10,82	1,68	1,07	0,51	2,34	0,64	0,80	0,72	3,52
Erro do d. p. .		± 2,04	± 0,51	± 1,64	± 0 24	± 0,18	± 0,09	± 0,36	± 0,10	± 0,12	± 0,12	± 0,83

NINHO

O ninho é feito em árvores, especialmente onde os ramos se disponham em trípode de vértice inferior, o que oferece base segura, sólido apoio, à armação de ramitos secos ou varas delgadas que formam a trama externa e hirsuta do ninho (Est. II, fig. 4). Este eriçado é feito de pauzinhos secos, uns delgados, outros grossos, estes com 3 e 4 mm de diâmetro (Est. III, fig. 5 e Est. IV, fig. 6).

Nos dois ninhos que tirei há varinhas de silva *(Rubus)* com seus acúleos, o que, como é natural, reforça a consistência da trama.

Algumas varinhas têm comprimentos que vão de 25 a 30 cm com uma das pontas metida no entrecruzado da trama, mas com a outra livre e saliente, em média, 4 a 5 cm; em alguns casos atingem 8 e 10 cm para fora do ninho.

O ninho da fig. 5 a que chamaremos ninho n.º 1 é mais acentuadamente hirsuto do que o da fig. 6.

Este, que foi tirado dum freixo, tem por baixo alguma terra.

As paredes destes dois ninhos nuns sítios têm 3 cm de espessura, noutros 4 cm ou um pouco mais. São feitos de plantas herbáceas e algumas raízes entretecidas, dando à parede perfeita solidez.

Os ninhos são de boca elíptica, fundamente enconchados, de paredes quase a prumo. O ninho n.º 1 tem de boca 100 mm × × 80 mm e de fundo 70 mm.

O n.º 2 é um pouquinho maior: tem de boca 115 mm × 90 mm e de fundo 73 mm.

Ambos os ninhos têm a concha totalmente forrada de pêlos lanudos que se me afiguram serem de cabra, e alguns de lã de ovelha.

O ninho n.º 2 tem o bordo formado de ervagem fina e apresenta num dos extremos do diâmetro maior, aquele que na fig. 6 corresponde à escala, um entalhe em redondo que rebaixa o bordo do ninho naquele ponto, entalhe certamente destinado a receber a base da longa cauda do *rabilongo* quando aninhado na postura ou no choco.

Os ninhos, à primeira vista, dão a impressão de mal cuidados (1), dado o ouriçado dos paus secos que formam a trama grosseira da parte de fora da parede, paus com pontas alguns centímetros fora do ninho.

No entanto a parede feita de ervagens finas e raízes entretecidas, e, sobretudo, o interior, total e perfeitamente forrado de pêlos de cabra e alguma lã de ovelha, fazem com que estes ninhos não se possam considerar como um tipo de desmazelo ou desalinho.

OVOS

Como atrás se disse tirámos 2 ninhos um com 6 ovos e o outro com 7.

Sem que saiba porquê só encontro agora a segunda ninhada.

Os ovos são de casca muito fina, consequentemente fàcilmente quebradiços.

A casca é de cor cinzento amarelada, ou, talvez melhor, de cor branco sujo com tonalidade amarelo palha.

Têm um pontilhado de pequenas manchas predominantemente acastanhadas, algumas de tom amarelo esverdeado (Est. v, fig. 7).

As manchas distribuem-se por toda a superfície do ovo, contudo são mais numerosas no pólo rombo. Neste pólo vêem-se alguns pontinhos negros.

Há manchas nítidas, perfeitamente definidas e de cor viva; outras porém são baças, dando a impressão, especialmente à incidência directa do sol, de que são manchas da face interna da casca: esta, por tão fina que é, mostra-as esbatidas ou baças.

---

(1) A excelente publicação *Atlas of European birds* de K. H. Voous, cit., ao aludir ao ninho da pega azul diz: «An untidy nest of sticks, like that of the Jay». Nos dicionários correntes vejo o significado deste «untidy»: desleixado, desmazelado, desalinhado, descuidado, desordenado, relaixado. O certo porém é que os dois ninhos que trouxemos da Barca d'Alva, apesar do ar hirsuto das pontas salientes dos pauzinhos com que foi estruturada a trama, mostram as suas paredes cuidadosamente feitas e o enconchado perfeitamente revestido de pêlos de cabra e de ovelha.

Dos 7 ovos desta ninhada um deles está bastante estalado e deformado.

Os outros 6 vão reproduzidos na fig. 7 da Est. v e têm as seguintes medidas expressas em milímetros: três ovos com 28,5 × 21; um com 28 × 20,5; dois com 27 × 20. As dimensões médias são pois 27,9 × 20,6.

O primeiro destes números exprime o diâmetro polar e o segundo o diâmetro máximo equatorial.

NOMES VULGARES

A pega azul é uma linda ave com as asas e a cauda de cor azul celeste o que lhe valeu este nome. É ave esbelta de cauda graduada ou escalariforme bastante comprida, o que faz com que em Espanha seja designada vulgarmente pelo nome de *rabilargo*.

No nosso país, consoante as regiões, o povo chama-lhe *rabilongo, pega azul, charneco* e *rabão*.

Em Freixo de Espada-à-Cinta a pega azul é designada indistintamente por *rabilongo* ou *rabão*, sendo, no entanto, este último o nome mais frequente.

O nome vulgar de *rabão* não o encontrei registado nos trabalhos de ornitologia do Prof. Paulino de Oliveira (1), William Tait (2), J. A. Reis Júnior (3) e A. A. Themido (4).

---

(1) M. Paulino de Oliveira, *Aves da Península Ibérica e especialmente de Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2.ª ed., 1910, 195 pág. e 1 fig. Na pág. 134 regista os nomes vulgares de *rabilongo, pega azul* e *charneco*.

(2) William Tait, *The Birds of Portugal*, Plymouth, 1924, VIII + 260 pág., 10 est. com 16 figs. e 1 mapa. Na pág. 25 dá os nomes vulgares de «*Rabilongo* (Barreiro, near Lisbon); *Charneco* (Setúbal, Alentejo generally, and the Province of Algarve)».

(3) J. A. Reis Júnior, *Catálogo sistemático e analítico das Aves de Portugal*, Porto, 1930, 136 págs. + 13 págs. com índice alfabético dos nomes vulgares, 7 figs. Na pág 131 cita os mesmos 3 nomes vulgares.

(4) Dr. António Armando Themido, *Aves de Portugal (Chaves para a sua determinação)*, publ. n.º 213, Memórias e Estudos do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1952, 241 págs. e 335 figs. Na pág. 148 regista os 3 nomes referidos.

Fig. 1 — Pega azul *Cyanopica cyana cooki* Bonaparte.

Segundo me informou o ilustre Professor do Instituto Superior Técnico de Lisboa e Magnífico Reitor da Universidade Técnica, Sr. Eng.º António Herculano de Carvalho, o nome de *rabão* é também aquele com que o povo de Tavira (Algarve) designa a pega azul.

É curiosa a circunstância de o nome vulgar de *rabão* ser o mais frequente na região de Barca d'Alva, e ser também corrente no extremo sul do país, pelo menos na região de Tavira.

PLUMAGEM

A plumagem desta ave é multicolor. Na face dorsal e nos flancos é cinzento acastanhada de tom levemente rosado. A face ventral tem a mesma cor mas um pouco mais clara.

A cabeça apresenta um amplo capuz negro, veludíneo, que se estende para trás até à parte mais alta do pescoço e aos lados um pouco abaixo dos olhos. Por isso os franceses lhe chamam, com propriedade, «Pie bleu à callote».

Mancha branca no mento e partes anterior e laterais do pescoço.

Asas de cor azul celeste com os bordos internos das primárias orlados de negro.

As rémiges primárias, 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª chanfradas e orladas de branco. A 8.ª rémige sempre também orlada de branco e, num e noutro caso, também chanfrada.

Num exemplar a 9.ª rémige apresenta-se levemente orlada de branco.

Num exemplar juvenil, que me foi trazido por uns rapazes, e que conservo montado em colecção de estudo, as rémiges primárias, da 3.ª à 8.ª, são orladas de branco, mas não chanfradas.

Cauda graduada, ou escalariforme, da mesma cor azul celeste das asas. Por esta razão os ingleses a esta ave chamam «Azure-winged Magpie» e em algumas regiões do país *pega azul.*

SISTEMÁTICA

Pertence à família *Corvidae*, ao género *Cyanopica* (1), à espécie *Cyanopica cyana* (Pallas), e à subespécie *C. c. cooki* Bonaparte.

Com os elementos bibliográficos de que pude dispor apurei as seguintes designações sinonímicas:

1776 — *Corvus Cyanus* Pallas, Reise d. versch. Prov. russ. Reichs II, pág. 694 (1776 — Dauria en Siberia, da subsp. *cyanea)*. Apud. F. Bernis, *Prontuário de la avifauna española*, Madrid, 1955, pág. 65.
1850 — *Cyanopica Cooki* Bp.
1910 — *Pica cyanea* Pall. (in Paulino de Oliveira).
1923 — *Cyanopica cyanea gili* Witherby.
1924 — *Cyanopica cyanus gili* With. (in William Tait).
1930 — *Cyanopica cyanea cooki* Bonap. (in Reis Júnior).
1952 — *Cyanopica cyanus gili* Witherby (in A. A. Themido).
1960 — *Cyanopica cyana* (Pallas) (in K. H. Voous, Nelson, 1960, pág. 268 e mapa n.º 417 na pág. 281).

As subespécies distinguem-se, muitas vezes, por pequenas particularidades de coloração, e foi assim que Witherby, notável ornitologista inglês, criou a subespécie *C. c. gili* sobre exemplares de pega azul colhidos em Candeleda, na vertente meridional da serra de Gredos, na província espanhola de Ávila. Esta subespécie foi definida pela colaboração mais acinzentada e menos rosada (much greyer and less pinkish) e o negro da cabeça com lustre ou

---

(1) Ernst Hartert, *Die Vögel der paläatktischen Fauna*, Berlin, 1903, trata da pega azul e quanto ao género escreve: «*Cyanopica* Bonaparte, Proc. Zool. Soc. London, 1850, pág. 85, Consp. Av. I, p. 382 (1850) ist der älteste Name Dieser Gatting».

brilho mais azulado e menos purpuríneo (the gloss of the head more bluisch and less purplich than *Cyanopica cyanus cooki)* (1).

Quando em 1959 fiz o estudo de alguns exemplares trazidos de Barca d'Alva hesitei na classificação da subespécie.

Por intermédio do meu amigo e distinto ornitologista Geoffrey Tait, mandei para Londres dois exemplares que ofereci ao British Museum (Natural History) e solicitei que me esclarecessem.

O Prof. Sims, «senior scientific officer» do referido museu, em carta que escreveu ao Sr. G. Tait, disse:

Em 1923, o ornitologista Witherby fez a descrição de uma nova subespécie e designou-a *C. c. gili.* Passados uns anos averiguou-se que não se tratava duma subespécie nova. A diferença notada por Witherby foi devida ao facto de ter comparado uma ave recentemente morta com aves de museu que lá estavam há bastantes anos e tinham mudado um pouco de cor. Por consequência só reconhecemos a *Cyanopica cyana cooki* assim nomeada por Bonaparte em 1850.

A este propósito Reis Júnior a pág. 131 do seu *Catálogo sistemático das Aves de Portugal,* cit., escreveu: «Como ainda não nos foi possível averiguar até que ponto é fundada a diferenciação da *C. c. gili,* continuamos a considerar a *C. c. cooki* como a forma de Portugal».

---

(1) Apud W. Tait, *Birds of Portugal,* cit. pág. 27.

Ainda quanto à coloração da plumagem o Dr. Augusto Gil Lletget, a pág. 153 do seu trabalho *Sinopsis de las aves de España y Portugal,* Trabajos del Instituto de Ciencias Naturales «José de Acosta» — Série Biológica — Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, Tomo I, núm. 2, Madrid, 1945, ao referir-se à *Cyanopica cyanea cooki* Bonap. escreve: «Nomes vulgares: Rabilongo, mohino. Las partes superiores son pardo grisáceas. Madrid, Granada».

Quanto à *Cyanopica cyanea gili* Witherby acrescenta: «Se diferencia de la subespécie anterior en que tiene durante el otoño y el invierno las partes superiores gris perla. Alentejo, Extremadura (Portugal y España); Sierra de Gredos, Arenas de San Pedro, Candeleda (Ávila). Las provincias de Salamanca, Valladolid y Segovia (Coca) presentan esta espécie, pero no tenemos ejemplares de estos sitios para comparar y decir a que subespécie pertenecem. La *C. cyanea* falta en el Este y en el Norte. Tiende a decrecer».

O Prof. Bernis no seu *Prontuário de la Avifauna española*, Madrid, 1955 a pág. 65 diz: «La subsp. gili Witherby («1923: Candeleda en Avila»), sólo puede ser admitida com mucha reserva».

É portanto lícito concluir que a pega azul do nosso país deve ser considerada como pertencente à subespécie *Cyanopica cyana cooki* Bonaparte.

HABITAT

Essencialmente arborícola. Os dedos das patas têm uma espécie de pelotas, constituindo almofadas ao comprido das falanges, o que, em associação com unhas fortes, garante excelente fixação nos ramos das árvores. Quando pousa na terra e nela se desloca fá-lo pinchando em pequenos saltos, o que é mais uma indicação de que a pega azul é ave essencialmente arborícola.

O seu habitat, pelo menos entre nós, é constituído por bosques ou matas de sobreiros, azinheiras, carvalhos, pinheiros, eucaliptos e outras árvores, bem como por olivais, amendoais e pomares com tufos de plantas herbáceas.

ALIMENTAÇÃO

A pega azul da Barca d'Alva indubitàvelmente que come muita fruta. Nos pomares, as nêsperas, os figos, as cerejas, os pêssegos e até as laranjas são comidas pelas pegas azuis, que também comem amêndoas e azeitona.

Mas esta bela ave come muitos insectos e outros pequenos animais.

Na moela duma das pegas azuis, que foram abatidas na Quinta d'Alva em 30 de Dezembro de 1965, encontrei: treze porções de tegumento esbranquiçado de larvas de insectos que, observadas à lupa binucolar, mostram sedas e apêndices articulados com sedas e garra terminal; por via de regra estas porções de tegumento eram delgadas, de comprimentos variando entre 1,5 e 4 centímetros; as mais delas entre 2,5 e 3,5 cm: uma destas porções tem

apêndices articulados e sedas, e na extremidade cefálica dois grandes olhos compostos; todos os tegumentos são esbranquiçados e mosqueados de negro; vi mais alguns fragmentos pequeninos do mesmo tipo de tegumento em estado adiantado de digestão; vi um filamento delgado, roliço, com cerca de 13 milímetros de comprimento que me fez lembrar um nemátodo terrícola; consegui apartar uma asa membranosa inteira, pequena, com cerca de 4 milímetros de comprimento e uma porção doutra asa membranosa com cerca de 6 milímetros de comprido que deve corresponder ao seu terço ou metade basilar; alguns retalhos delgados e escuros devem ser restos do tegumento de uma azeitona, quando muito de duas e pequenas.

Além do que vai referido e consegui isolar, havia uma certa quantidade de borra; uma fina, em muito adiantado estado de digestão, e outra menos digerida, onde era possível notar restos de larvas de tegumento mosqueado de negro e também porções de tegumento de sementes, talvez de grãos de trigo; calculei que esses restos de sementes corresponderiam a uns 6 a 8 grãos.

Observei o conteúdo de mais três moelas de exemplares capturados em Maio de 1959, moelas pequenas do tamanho da cabeça dum dedo ou de uma avelã.

Numa vi um grande pedaço da região posterior do abdómen dum coleóptero, pedaço com cerca de 1 cm de comprimento por 1 cm de largura e vários anéis franjados de pêlos abundantes; vi mais uma porção do tórax, talvez do mesmo insecto, com uma pata completa, alguns grandes pedaços de anéis, quase completos, e muitas porções pequenas de anéis em grau adiantado de digestão.

Outra moela tinha abundantes destroços de insectos em digestão adiantada, mas eram ainda patentes anéis, patas, maxilas, etc.; umas porções de tegumento mosqueado de negro eram possìvelmente de três larvas. Pelos vários tamanhos e desenhos dos élitros é lícito supor que nesta moela houvesse restos de várias espécies de coleópteros.

A terceira destas moelas tinha dois grandes pedaços de um coleóptero, alguns bocados menores talvez do mesmo insecto, mui-

tos fragmentos de patas e de anéis de vários insectos e um filamento escuro que me pareceu uma antena; vi ainda três porções de tegumento de larvas e mais um novelo de cordão esbranquiçado, que não deve ser senão um novelo de ansas intestinais.

Pela análise do conteúdo das quatro moelas verifica-se que, à parte alguns retalhos de tegumento de azeitona e os restos de alguns grãos de trigo (?) numa delas, tudo o mais eram porções de insectos e de larvas.

Trata-se portanto de uma alimentação insectívora por excelência.

Isto nos leva a emitir o parecer de que a pega azul não deverá continuar a ser considerada ave prejudicial à agricultura, noção ou conceito que tem sido o corrente em Freixo de Espada-à-Cinta e em Barca d'Alva.

DISTRIBUIÇÃO EM PORTUGAL E NA ESPANHA

A pega azul é essencialmente uma ave do sul do nosso país e sul da Espanha.

Themido a pág. 148 do seu livro *Aves de Portugal,* cit., diz que ela é «bastante comum no sul e centro do país».

Paulino de Oliveira em *Aves da Península Ibérica,* cit., pág. 134 refere que tem sido encontrada desde Penamacor até ao Algarve e acrescenta que é mais comum no sul do que no norte.

William Tait, cit. seguindo as pisadas de Paulino de Oliveira, diz que a localidade mais setentrional onde têm sido obtidos exemplares é Penamacor, no distrito de Castelo Branco.

Por seu lado Reis Júnior, *Catálogo sistemático das aves de Portugal,* cit., a pág. 131 escreve: «O rabilongo é bastante comum no centro e sul do país; para o norte nunca o observamos além de Penalva do Castelo (distrito de Viseu).

A colónia da Barca d'Alva, constitui uma extensão, e relativamente recente, da área de dispersão desta bela ave. Pelas pesquisas sumárias até agora feitas parece que o núcleo de Barca

d'Alva está perfeitamente isolado do núcleo do sul. Poderemos, por isso, considerar a pega azul distribuída entre nós por duas *estações*, a do norte, no vale do Alto Douro e a do sul, na Beira Baixa, Estremadura ao sul do Tejo, Alentejo e Algarve.

Trata-se de uma ave que, no sul, está longe de ter uma área de dispersão contínua.

Os vários autores citados afirmam que a pega azul é bastante comum no centro e sul do país. O certo é que a pega azul não é tão frequente como poderá depreender-se das afirmações acima transcritas.

Isto foi posto em realce por William Tait que a pág. 25 do seu excelente livro *Birds of Portugal*, cit., escreveu: «It appears to be a very local bird». Refere que encontrou a pega azul na Primavera, Verão e Outono nos montados e charnecas do Alentejo e no Algarve, onde o informaram que esta ave nidificava nas figueiras, oliveiras e alfarrobeiras; porém era desconhecida na serra de Monchique.

W. Tait acrescenta: «Near Barreiro, a small town on the south bank of the Tagus opposite to Lisbon, it is very common, but it does not seen to cross to the north side of the river anywhere near Lisbon».

Na estrada de Pegões para Vila Franca de Xira tenho visto as pegas azuis esvoaçando ou pousadas nos pinheiros que marginam a estrada. Ainda este ano de 1966 no dia 25 de Fevereiro vi três esvoaçando num pequeno pinhal, à borda dessa estrada, um pouco antes de chegar ao Infantado.

Nunca a vi na margem direita do rio Tejo embora há anos, em busca e contagem de ninhos de cegonha, tenha percorrido a região do Cartaxo, Azambuja, Alenquer, Carregado e Vila Franca.

Parece pois poder afirmar-se que a pega azul tem uma área de dispersão descontínua, encontrando-se circunscrita em certas localidades.

O Naturalista Sr. Dr. Agostinho Isidoro, meu dedicado colaborador nos estudos ornitológicos, há anos vem capturando aves, para subsequente anilhagem, nos concelhos do Crato e de Alter

do Chão, distrito de Portalegre (1). Nos cinco anos de 1960 a 1964, ali anilhou 2 408 aves, em campanhas de trabalho realizadas nos meses de Fevereiro, Agosto, Setembro e Dezembro. Pois bem, não só nunca anilhou a pega azul como nem sequer a viu.

Em certas regiões a pega azul é relativamente abundante, como sucede, por exemplo, na Mata dos Medos do concelho de Almada, que faz parte do perímetro florestal da Trafaria. Nesta mata o nosso dedicado e prestimoso colaborador nos serviços de anilhagem Sr. Alberto Xavier, mandou fazer um bebedouro de cimento. A água é, de quando em quando, renovada pelo guarda florestal, cuja casa fica perto do bebedouro (2). Em carta de 11 de Julho de 1965 o Sr. Alberto Xavier diz-me ter estado nesse dia na Mata dos Medos, durante duas horas, a observar o movimento das aves na bebida, e ter «gozado extraordinário espectáculo de ali ter visto, de uma só vez, nada menos de 35 rabilongos».

A distribuição da pega azul em Espanha indico-a na fig. 2 delineada por um desenho similar dado por J. España Paya, licenciado em Ciências Naturais.

Na revista *Caza y pesca fluvial y marítima, armas y guarderia y Pesca,* n.º 88, Madrid, Abril de 1950, pág. 204 e 205 vem publicado um artigo de J. España Paya, intitulado *El Rabilargo,* com 6 figs., no qual se indica a *C. c. cooki* como habitando nas províncias de Madrid y Granada, e a *C. c. gili* nas de Estremadura e Ávila.

---

(1) Agostinho Isidoro — *Anilhagem de Aves no Alto Alentejo (1960-1961),* publicações da Secretaria de Estado da Agricultura — Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, Estudos e Divulgações Técnicas, Grupo A — Secção de Zoologia Florestal e Cinegética, Lisboa, 1963, 11 pág. e 2 figs; id., *Contribuição para o estudo da Ornitologia do Alto Alentejo* (1962, 1963 e 1964) in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto». Tomo XLVII, Porto, 1965, pág. 273 a 289, 3 figs.

(2) Sei que os Serviços Florestais pensam resguardar o bebedouro, da Mata dos Medos, enquadrando-o numa zona de protecção. Assim se constituirá um refúgio onde as aves confiadamente se possam dessedentar, livres da praga dos passarinheiros furtivos.

É curiosa a nota respeitante ao comportamento do «rabilargo» e que transcrevo da pág. 205 deste trabalho. «Esta espécie evita las viviendas del hombre dando un rodeo la bandada, cuando en su camino encuentra alguna; no le pasa lo que a la urraca, que acecha desde las mismas cercas del corral un descuido para atacar a algun pollito desorientrado».

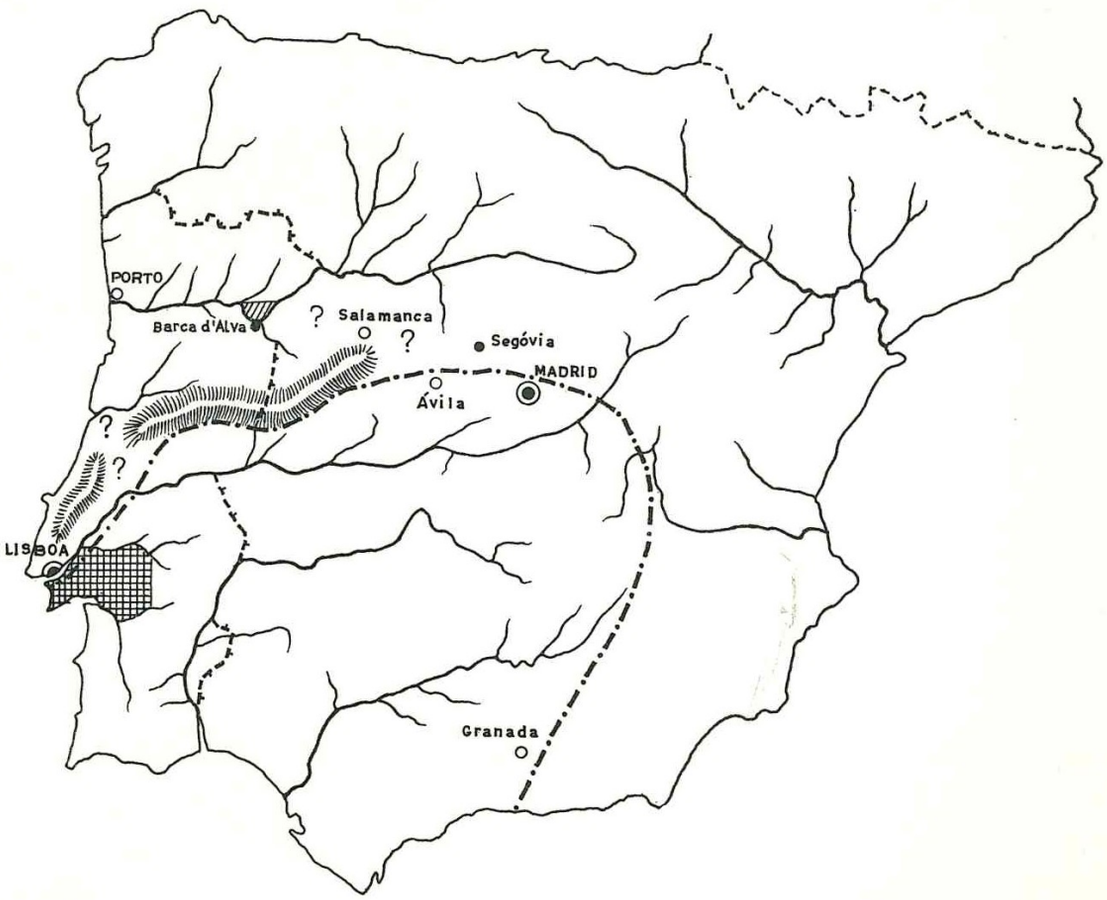

Fig. 2 — A linha a ponto e traço delimita, aproximadamente, a área de distribuição da pega azul na Península Ibérica. O quadriculado a sudeste de Lisboa marca uma zona onde a pega azul é relativamente frequente.

Esta informação, dando a pega azul como arredia das casas dos homens, contrasta com aquilo que observámos na Barca d'Alva em 1959, pois ali as vimos esvoaçando nos eucaliptos fronteiros à estação e até, confiadamente, pousarem no chão, a poucos metros de distância da plataforma de acesso aos comboios.

Informação coincidente com aquilo que, no aspecto de domesticidade, observamos em Barca d'Alva, é a que W. Tait dá a pág. 25 do seu citado livro *Birds of Portugal,* onde se lê: «...a man from Barreiro informed me that they go in huge flocks near his home, are the scourge of fruit growers and nesting birds and are seldom seen on the ground».

A última parte desta informação confirma aquilo que na região de Barca d'Alva me disseram quanto à devastação de muitos frutos, mesmo ainda verdes ou só meio maduros, feita pelas pegas azuis, e à depredação por estas aves de muitas ninhadas de pássaros.

DISTRIBUIÇÃO NO MUNDO

A pega azul *Cyanopica cyana* (Pallas) é ave exclusiva do distrito paleárctico, região holárctica, e exemplo notável de distribuição descontínua. Não se conhecem no mundo mais do que duas regiões onde esta bela ave nidifica e vive sedentária. Uma dessas regiões, situa-se no sudoeste da Península Ibérica (fig. 3).

A enorme distância que separa estas duas estações da distribuição da pega azul, faz com que esta constitua um notável exemplo de ave com área de dispersão descontínua.

Como explicar a localização desta linda ave em duas regiões tão distantes?

Pode dizer-se que, noutros tempos, a área de dispersão tivesse sido contínua ao longo da bacia mediterrânica e através de todo o vasto continente asiático.

É simples emitir esta hipótese. O que julgo difícil, senão mesmo impossível, é apoiá-la em quaisquer factos que a tornem aceitável ou pelo menos plausível.

Não sei desde quando é conhecida a pega azul na Península Ibérica. Seria interessante averiguá-lo.

Será uma espécie remota ou de introdução?

Pode pôr-se a hipótese de haver sido trazida do oriente pelos navegadores espanhóis ou portugueses.

Uma vez cá, soltas voluntàriamente ou escapadas das gaiolas, teriam encontrado condições ecológicas convenientes ao seu desenvolvimento. Assim se teria criado a sua estação peninsular.

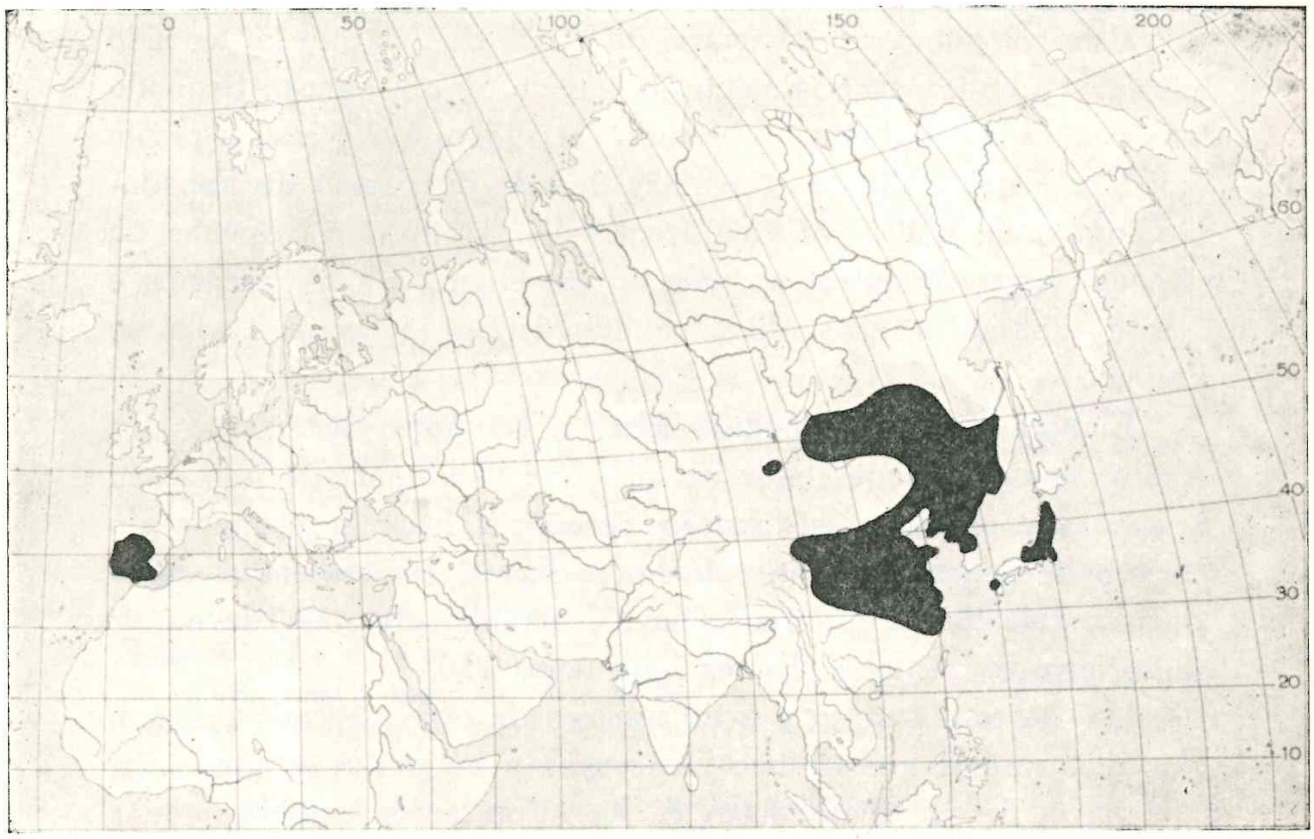

Fig. 3 — Reprodução do mapa n.º 417 do *Atlas of European Birds* de K. H. Voous, director do Museu Zoológico da Universidade de Amsterdam, Nelson, 1960. Neste mapa indica-se a distribuição da pega azul no mundo.

CONCLUSÕES

A *pega azul Cyanopica cyana cooki* é bastante frequente em algumas regiões da metade sul de Portugal e, além do nome referido, é conhecida pelos nomes vulgares de *rabilongo, rabão* e *charneco*.

Estava dada como exclusiva do centro e sul do país. Verifica-se que, pelo menos a partir de 1918, existe também no norte de Portugal, à roda de Barca d'Alva.

A colónia da pega azul que estudamos situa-se no Alto Douro, nas duas margens do rio Douro, em localidades que pertencem aos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo, Moncorvo e Freixo de Espada-à-Cinta.

Esta colónia, a que chamarei da Barca d'Alva, parece ter sido bastante grande, especialmente há cerca de 30 anos. Segundo informações concordantes, sobretudo em 1934 e 1935, era frequente verem-se pegas azuis nas cercanias da vila de Freixo de Espada-à-Cinta onde nidificava com frequência. Hoje vivem apenas na chamada «terra quente», no vale do rio Douro e suas margens, e é raro subirem até aos olivais e quintas que rodeiam a vila de Freixo.

Embora não tenha podido fazer a contagem sistemática dos ninhos, nas localidades onde se sabe que habitualmente nidificam, o que com grande aproximação permitiria fazer o cômputo do número de pegas azuis da colónia, podemos, em estimativa aproximada, calcular que o seu número, actualmente, não deverá ir muito além da centena. Talvez haja umas 150.

Um aspecto curioso é o do número de ovos de cada postura. Nos dois ninhos que tirei, e Deus sabe a mágoa com que o fiz, num havia 6 ovos e no outro 7. As informações colhidas, todas concordantes, permitem calcular que a postura por ninho deve ser, em média, de 6 a 7 ovos. Isto contrasta com o que vários autores relatam neste particular, dando para cada postura a média de apenas 4 ovos.

Dado o conceito geralmente admitido de que não há pròpriamente, e em absoluto, aves nocivas, estou em crer que a pega azul, pelo grande número de insectos e outros pequenos animais que come, paga com largo juro o prejuízo que dá nos pomares, olivais e amendoais. Daí o emitir o parecer de que esta bela ave não deve ser perseguida com a destruição dos seus ninhos, como parece ter sido norma corrente na região de Freixo de Espada-à-Cinta e Barca d'Alva.

RÉSUMÉ

Au mois de Juin 1958, me trouvant à la station de chemin de fer de Barca d'Alva, rive gauche du Douro, Province de Trás-os-Montes e Alto Douro, j'ai vu quelques pies bleues.

Cela m'a surprit de voir à cet endroit ces oiseaux, dont je savais l'habitat en la moitié sur du Portugal.

Après une rapide enquête il paraît avéré que ce bel oiseau ávait apparu en cette region vers 1918 et nidifiait avec une relative abondance sur des eucalyptus, des frênes e d'autres arbres.

Je suis retourné à Barca d'Alva en Mai 1959, d'où j'ai rapporté deux nids et quelques exemplaires de pie bleue.

J'y suis retourné en Decembre 1965.

J'ai fait des observations directes et interrogé plusieurs personnes qui m'ont donné des informations de quelques interêt sur le comportement du «rabão», ou «rabilongo», noms qui designent vulgairement en cette contrée la pie bleue.

Il est question d'une colonie localisée en Alto Douro et distribuée sur les deux rives du Douro sur la ligne de frontière avec l'Espagne, ceci en des localités qui appartienent aux communes de Figueira de Castelo Rodrigo, Freixo de Espada-à-Cinta et Moncorvo

Cette colonie que j'appelerai de Barca d'Alva, date des années de 1918. Plusieurs informations et toutes concordantes, donnent cette année de 1918 comme étant celle, où pour la première fois ont apparu des pies bleues.

La colonie semble avoir été assez grande, spécialement il y a environ 30 ans. Selon informations concordantes, c'était fréquent, surtout em 1934 e 1935, de voir des pies bleues aux environs de Freixo de Espada-à-Cinta, où elles nidifiaient fréquemment. Aujourd'hui elles vivent uniquement en ce que l'on appelle «terra quente» (terre chaude) sur les rives de la vallée du Douro et il est rare qu'elles montent jusqu'aux olivaies et propriétés qui environnent la Ville de Freixo.

Malgré qu'il ne m'a pas été possible de faire le comptage systhématique des nids, ce qui avec une grande exactitude permettrait de faire la computation du nombre des pies bleues de la colonie, nous pouvons, avec une estimative d'aproximation, calculer que leur nombre ne doit pas dépasser de beaucoup la centaine. Il y aurait peut-être environ 150.

Un aspect curieux est le nombre d'oeufs de chaque nichée ou ponte.

Sur les deux nids que j'ai pris, Dieu seul sait avec qu'elle peine je l'ai fait, dans l'un il y avait 6 oeufs et dans l'autre 7. Les informations cueillies, toutes concordantes, permettent de calculer que la ponte par nid doit être, en moyenne, de 6 à 7 oeufs. Ceci est en désaccord avec ce que plusieurs auteurs indiquent à ce sujet, donnant pour chaque ponte la moyenne de 4 oeufs.

C. M. B.
BIBLIOTECA

Étant donné le concept généralement admis qu'il n'y a pas proprement, en absolut, des oiseaux nuisibles, je pense que la pie bleue, par le grand nombre d'insectes et d'autres petits animaux qu'elle mange, paie avec de large interêts les dégâts qu'elle fait dans les vergers, olivaies et amandiers. Donc à formuler l'opinion que ce bel oiseau ne doit pas être poursuivit avec la destruction de ses nids, comme il paraît avoir été un fait courrant dans cette région de Freixo de Espada-à-Cinta.

SUMMARY

In June 1958 close to the railway station of Barca d'Alva, on the left bank of river Douro in the province of Trás-os-Montes — Alto Douro, I saw some Azure-Winged Magpies and the fact rather surprised me as these birds are supposed to appear only in the provinces of the south half of Portugal.

Local inhabitants informed that the birds had first appeared in the region in 1918 and had ever since nested in considerable number on the trees nearby namely eucalyptus and ash trees. In May 1959 I returned to Barca d'Alva and managed to get 2 nests and a few specimens of those birds.

In December 1965 I was there again. In all the region the Azure-winged Magpie is known under the Portuguese popular denomination of «rabão» or «rabilongo», about which I was given rather useful informations.

The birds belong to a colony settled in the Upper Douro and scattered along the two Douro banks covering different places in the countries of Figueira de Castelo Rodrigo, Freixo de Espada-à-Cinta, and Moncorvo.

This colony, which I wil henceforth designate as the Barca d'Alva colony, dates from 1918, the year when, in the general opinion, Azure-winged Magpies were first noticed in the region.

The colony seems to have been a rather large one about some 30 years ago. In 1934 and 1935 it was quite common to find Azure-winged Magpies in the neighbourhood of Freixo de Espada-à-Cinta where they nested in considerable numbers. At the present, however, they seem to be confined to the so called «hot country» along the Douro Valley, and only very seldom appear any farther up in the olivewoods of farms scattered around the Freixo locality.

Though I was not able to make a perfect count of the nests, it was possible to estimate that the number of birds in the colony must be about 150 not more.

I examined several nests and it was curious to note that the number of eggs in each varied from 6 to 11, what gives an average of 6 to 7 eggs e nest. This was rather surprising as they are said usually to lay average of 4 eggs.

As for the Azure-winged Magpies being considered or not a harmful bird, it should be remembered that according to a principle generally accepted there are no harmful birds at all. The great number of insects and worms eaten by

the Azure-winged Magpie do largely pay for any damage they may do in the orchards specially to olive and almond trees.

It is my opinion therefore that these lovely birds should be preserved and their nests should not be destroyed as it seems to have been done in the Freixo de Espada-à-Cinta region.

ZUSAMMENFASSUNG

In Juni 1958 sah ich am Bahnhof von Barca d'Alva, am linken Ufer des Douro, in der Provinz von Trás-os-Montes und Alto Douro einige Blauelstern.

Ich war erstaunt, dort diese Vögel zu sehen, denn ich wusste, dass sie in der südlichen Hälfte Portugals heimisch sind.

Bei einer schnellen Umfrage stellte ich fest, dass dieser schöne Vogel ungefähr um 1918 dort aufgetaucht war und in verhältnismässig grosser Zahl in Eukalyptus, Eschen und anderen Bäumen nistet.

In Mai 1959 kehrte ich nach Barca d'Alva zurück und brachte von dort zwei Nester und einige Exemplare der Blauelsternmit.

Im Dezember 1965 kam ich wieder dorthin.

Ich machte direkte Beobachtungen und befragte verschiedene Personen, die mir Auskünft von gewissem Interesse, über das Verhalten des rabão ou rabilongo gaben, Namen mit denen man gemeinhin die Blauelster bezeichnet.

Es handelt sich um eine, am Alto Douro lokalisierte Kolonie, die sich über beide Ufer des Douro an der Grenzlinie mit Spanien verteilt, an Orten, die den Kreisen von Figueira de Castelo Rodrigo, Freixo de Espada-à-Cinta e Moncorvo angehören.

Diese Kolonie, die ich die, von Barca d'Alva nennen werde, stammt aus dem Jahr 1918. Verschiedene Auskünfte, die alle übereinstimmen, bezeichnen das Jahr 1918 als dasjenige, in dem dort zum ersten Mal Blauelstern auftauchten.

Die Kolonie scheint sehr gross gewesen zu sein, besonders vor ungefähr 30 Jahren. Übereinstimmenden Aussagen nach soll man häufig, besonders 1934, und 1935, Blauelstern in der Nachbarschaft von Freixo de Espada-à-Cinta gesehen haben, wo sie oft nisteten. Heute leben sie nur noch in der sogenannten «terra quente» (warme Erde), an den Talrändern des Douro und nur selten dringen sie bis zu den Olivenhainen und Gütern der Umgebung des Städtchens Freixo vor.

Wenn ich auch keine systematische Zählung der Nester durchführen konnte, was mit grosser Annäherung den Überschlag der Anzahl der Blauelstern der Kolonie erlauben würde, können wir dennoch schätzungsweise ihre Zahl errechnen, die nichk weit über hundert ergeben dürfte. Vielleicht sind es gegen 150.

Das Sonderbare ist die Anzahl der Eier jeder Legperiode. In den beiden Nestern, die ich wegnahm, waren in dem einen 6 Eier, in dem anderen 7. Nester mit 8, Nester mit 8, 9, 10 und sogar 11 Eiern sollen keine Seltenheit

sein. Die erhaltenen Auskünfte, die alle übereinstimmten, lassen einen Durchschnitt von 6 bis 7 Eiern pro Nest errechnen. Das steht im Gegensatz zu dem, was viele Verfasser über diesen Vogel berichten. Sie geben durchschnittlich 4 Eier als Legeleistung and.

Da die allgemeine Meinung besteht, dass es eigentlich keine absolut schädlichen Vögel gibt, glaube ich, dass die Blauelster wegen der grossen Zahl von Insekten und anderen kleinen Tieren, die sie frisst, mit grossem Zins den Schaden bezahlt, den sie in Obstgärten, Olivenhainen und Mandelbaumpflanzungen macht. Deshalb darf meiner Meinung nach dieser schöne Vogel nicht mit der Zerstörung seiner Nester verfolgt werden, wie es in der Gegend von Freixo de Espada-à-Cinta allgemein ublich gewesen zu sein scheint.

Instituto de Zoologia «Dr. Augusto Nobre»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto,
Março de 1966

Fig. 4 — Ninho de pega azul, num freixo, que trouxe da Carriça, freixeda da margem direita do rio Douro, um pouco a montante da Barca d'Alva, termo do concelho de Freixo de Espada-à-Cinta.

Fig. 5 — Ninho da figura anterior fotografado mais de perto e do lado oposto àquele de que se tirou a fotografia da fig. 4.

Fig. 6 — Ninho de pega azul que tirei dum freixo também da Carriça.

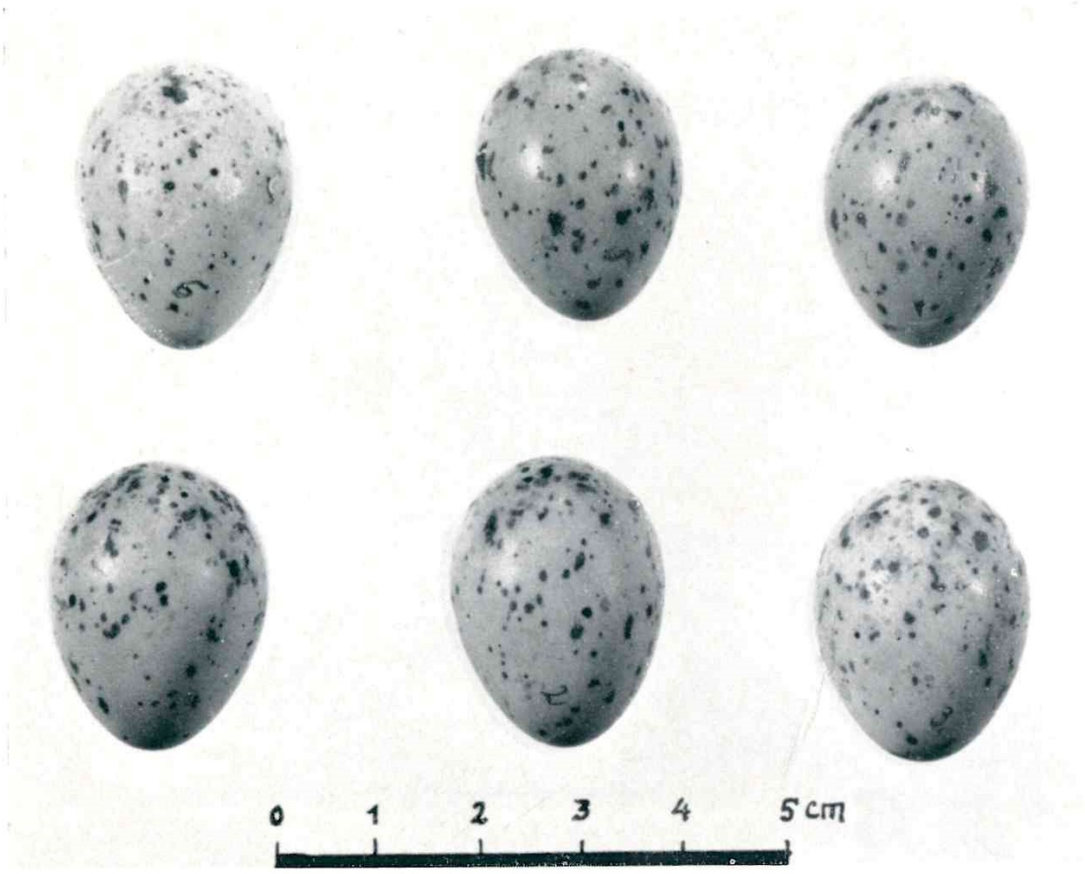

Fig. 7 — Ovos duma ninhada que tirei de um dos ninhos que trouxe da Carriça. Esta ninhada era de 7 ovos, mas um deles, ao proceder-se ao esvaziamento, estalou e ficou um tanto deformado.

biblioteca
municipal
barcelos
12262
A colónia da pega azul na Barca
d'Alva (Alto Douro